

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E
ANÁLISE EXISTENCIAL

VICTÓRIA RUAS DA GAMA CERQUEIRA

COMPREENSÃO GESTÁLTICA DO FILME “CISNE NEGRO”

BELO HORIZONTE
2022

VICTÓRIA RUAS DA GAMA CERQUEIRA

COMPREENSÃO GESTÁLTICA DO FILME “CISNE NEGRO”

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica

Orientadora: Prof. Dra. Claudia Lins Cardoso

BELO HORIZONTE
2022

150 Cerqueira, Victória Ruas da Gama.
C416c Compreensão gestáltica do filme "Cisne negro" [recurso
2022 eletrônico] / Victória Ruas da Gama Cerqueira. - 2022.
1 recurso online (35 f.) : pdf
Orientadora: Cláudia Lins Cardoso.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial -
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Gestalt-terapia. 2. Sofrimento. 3. Psicologia. 4. Black
swan (Filme). I. , Cláudia Lins . II. Universidade Federal de
Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação
COMPREENSÃO GESTÁLTICA DO FILME "CISNE NEGRO"
VICTÓRIA RUAS DA GAMA CERQUEIRA

monografia defendida e aprovada, no dia **oito de dezembro de 2022**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Claudia Lins Cardoso - Orientadora
FAFICH/UFMG

Saleth Salles Horta
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 13 de janeiro de 2023.

Prof^ª. Dr^ª. Claudia Lins Cardoso
Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 03/02/2023, às 16:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 06/02/2023, às 08:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2063017** e o código CRC **B691B5E2**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, irmãos e familiares, que me deram todo o apoio e ajuda necessários para que eu pudesse ter condições, principalmente emocionais, para desenvolver a realização deste trabalho.

Aos meus amigos, pessoas de meu convívio e colegas da turma, que me incentivaram nos momentos difíceis, acreditaram em mim e me deram forças para que eu mesma pudesse acreditar no meu potencial.

À professora Saleth Sales Horta, por aceitar ler e fazer as devidas ponderações na presente monografia com tanto carinho e cuidado.

Por fim, agradeço à minha orientadora Claudia Lins Cardoso, sou profundamente grata pela sua paciência, serenidade, parceria e calma, confiando que eu pudesse realizar um bom trabalho de uma maneira tão leve. Obrigada por todo o suporte e por ter construído junto a mim um campo favorável para a produção da minha escrita.

Todo contato é ajustamento criativo do organismo e ambiente. (PERLS,
HEFFERLINE & GOODMAN, 1997).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo central compreender o filme “Cisne Negro” a partir da perspectiva da Gestalt-terapia. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, através de livros e artigos científicos, além de assistir ao conteúdo do filme de maneira qualitativa/descritiva, associando aspectos gerais da trama a conceitos principais da abordagem psicológica. Isso teve como intuito buscar compreender a experiência e os comportamentos da protagonista Nina, considerando todo o contexto no qual ela estava inserida, bem como sua interação com as pessoas com quem se relaciona. As reflexões teóricas sobre o filme confirmaram a presença e o acolhimento como condições essenciais que permitem considerar a experiência da pessoa em uma perspectiva processual e humanizada, na medida em que dão suporte para a expressão de suas angústias e reconhecem suas potencialidades e singularidade existencial. A concepção gestáltica do sofrimento do tipo psicótico, compreendido enquanto um ajustamento criativo no qual o exame da realidade está comprometido pela dificuldade da pessoa em se diferenciar do mundo, concebe os delírios e as alucinações como forma de lidar com a angústia e de dar um sentido e possibilitar a expressão da experiência, o que pode ser ilustrado por diversas cenas da protagonista Nina em suas diversas interações.

Palavras-chave: Gestalt-terapia, Sofrimento, Psicopatologia, Cisne Negro.

ABSTRACT

The main objective of this work is to comprehend the film "Black Swan" from a Gestalt therapy perspective. To achieve that, a bibliographical research was conducted through books and scientific articles, while watching the film's content in a qualitative/descriptive way and associating general aspects of the plot with main concepts of the psychological approach. This was intended to understand the experience and behaviours of Nina, the protagonist, considering the whole context in which she was inserted, as well as her interaction with the people with whom she relates. The theoretical reflections on the film confirmed that presence and acceptance are essential conditions that allow considering the person's experience in a procedural and humanised perspective, while supporting the expression of their anguish and recognizing their potential and existential uniqueness. The gestalt conception of psychotic suffering, understood as a creative adjustment in which the examination of reality is compromised by the person's difficulty in differentiating himself from the world, conceives delusions and hallucinations as a way of dealing with the anguish, giving meaning and enabling the expression of experience, which can be be illustrated by several scenes of the protagonist Nina in her various interactions.

Key-words: Gestalt therapy, Suffering, Psychopathology, Black Swan.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 GESTALT-TERAPIA: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONCEITOS PRINCIPAIS	12
2 SOFRIMENTO E PSICOPATOLOGIA À LUZ DA GESTALT-TERAPIA	18
3 FILME CISNE NEGRO: COMPREENSÃO GESTÁLTICA.....	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo principal compreender as experiências e interações da protagonista do filme “Cisne Negro”, a partir da Gestalt-terapia. Esta proposta pode ser sustentada no sentido de considerar o filme como uma obra de arte que se constitui como um fenômeno referente ao humano (POMPEIA & SAPIENZA, 2004). Desse modo, é interessante assistir a um filme com o olhar de identificação e de aprofundamento da concepção de uma abordagem psicológica, a partir da reflexão de algumas cenas como ilustração de seus conceitos teóricos. Condizente à magnitude de visualizar o cinema como uma arte que se constitui como elemento gerador de assimilações da vida cotidiana, Pereira e Evangelista (2021) ressaltam:

O quadro, o livro, o filme ou a peça de artesanato contam suas histórias por meio de sua materialidade, de suas características concretas e do seu processo de existir desde sua criação até sua apresentação ao mundo. As esculturas contam sua história; a panela de barro e o romance de época dizem de seu local e tempo de origem; a arte-moderna e o balé clássico envolvem seus espectadores em suas singulares experiências estéticas; a música e o cinema denunciam e evidenciam as diversas dores e alegrias humanas. Nesse movimento, toda arte comunica um texto que ganha sentido no encontro com a existência que a testemunha e por meio de quem ela fala. (p. 54).

De acordo com Penafria (2009), o objetivo de uma análise é o de explicar/esclarecer sobre um filme, dando uma interpretação a ele. Para a autora, uma análise de conteúdo pode ser descrita considerando o filme como:

[...] um relato e tem apenas em conta o tema do filme. A aplicação deste tipo de análise implica, em primeiro lugar, identificar-se o tema do filme (o melhor modo para identificar o tema de um filme é completar a frase: Este filme é sobre...). Em seguida, faz-se um resumo da história e a decomposição do filme tendo em conta o que o filme diz a respeito do tema (p. 6).

Apesar desta descrição, o presente trabalho procurou apresentar uma compreensão sobre o filme em questão, ao invés de uma análise propriamente dita. A perspectiva teórica utilizada foi a Gestalt-terapia e os conceitos principais discutidos e associados foram: Figura/Fundo, Ajustamento Criativo, Teoria de Campo, *Awareness*, Confluência, Contato, Fluidez, Autossuporte e Heterossuporte. Espera-se, com isso, que a reflexão teórica do filme possa ilustrar situações da vida cotidiana, propiciando uma compreensão clínica. No filme em questão, buscamos refletir como as experiências de vida da protagonista Nina e os recursos de que ela

dispunha no momento despertaram, por exemplo, episódios de delírios e alucinações, dentre outros.

A presente monografia foi dividida em quatro capítulos. O primeiro discorre acerca de uma breve sistematização da Gestalt-terapia e de sua fundamentação teórica, evidenciando os conceitos que proporcionaram a compreensão da experiência da protagonista. No segundo capítulo, o sofrimento e psicopatologia são descritos sob o olhar da Gestalt-terapia, dentre outros conceitos. Em seguida, o terceiro capítulo conta com a contextualização do filme “Cisne Negro”, discorrendo a respeito da sinopse do filme, da descrição de algumas cenas principais e reflexões entre o filme a partir da abordagem psicológica em questão. Por fim, há as considerações finais, abarcando o trabalho como um todo e propondo reflexões da autora da monografia sobre o tema apresentado.

1 GESTALT-TERAPIA: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONCEITOS PRINCIPAIS

A Gestalt-terapia surgiu como uma nova abordagem em psicoterapia no ano de 1951, nos Estados Unidos, através da publicação do livro *Gestalt-Therapy: excitement and growth in the human personality*, de autoria de Fritz Perls, Ralph Hefferline e Paul Goodman (Perls, Hefferline & Goodman, 1997). Na década de 1960, ela fica mais conhecida nos Estados Unidos, e na década de 1970 ela chega ao Brasil, em meio à ditadura militar, que foi um momento político conturbado. Seu surgimento ocorre em consonância com o da Psicologia Humanista, a qual traz para a Psicologia uma nova visão de homem, diferente das visões da Psicanálise e do Behaviorismo. Assim, a Gestalt-terapia sugere uma visão relacional da natureza humana, na qual a experiência humana se dá na fronteira de contato entre organismo e o ambiente, considerando os aspectos físicos, sociais, culturais e históricos, os quais formam uma unidade e, por isso, não devem ser considerados isoladamente. É por meio dessa troca com o meio que o funcionamento humano pode se tornar saudável ou disfuncional, dependendo de se a interação natural e necessária do organismo/ambiente está comprometida ou não (FRAZÃO, 2013).

A Gestalt-terapia se baseia em fundamentos filosóficos da Fenomenologia, do Humanismo e do Existencialismo. Edmund Husserl, matemático e filósofo, propõe a primeira como método em que vemos e observamos a realidade com atenção, descrevendo e explicando de modo cuidadoso. Esta se atenta para a temporalidade e espacialidade na qual a pessoa se movimenta, portanto, a totalidade do indivíduo é sempre levada em conta, a fim de trabalhar o aqui-e-agora (RIBEIRO, 2007). O fenômeno possui o sentido de “manifestar-se”, onde aparecer é aquilo que se mostra e se desvela na luz, e só a partir disso que haverá condição de aparecer a “coisa mesma”. Na Fenomenologia, é necessário colocar-se como observador distante e, para enxergar melhor, suspender os seus conhecimentos em uma *Epoché*, significando não se deixar levar sobre as crenças da realidade, mas colocar todos os fenômenos no mesmo horizonte, suspendendo os juízos sobre a realidade, ou seja, colocando entre parênteses. É imprescindível o olhar para o fenômeno quando e como se mostra, no aqui-e-agora, de forma a vislumbrar uma minuciosa descrição dos fenômenos.

Husserl aponta a consciência como uma “síntese em fluxo que não tem nenhuma substancialidade, sendo mais uma dinâmica entre Sujeito e Objeto, onde todo ser recebe seu sentido e valor” (REHFELD, 2013, p. 13-14). Ou seja, o valor aparece se algo se apresentar como sentido, a consciência vincula-se ao mundo por meio do corpo, apresentando um caráter intencional, porque ela é sempre consciência de alguma coisa. A concepção de consciência à luz da Fenomenologia é uma mudança de paradigma, porque se apresenta como se fosse uma luz que projeta e ilumina as coisas do mundo, e ao iluminar, há o estabelecimento da relação fundante entre sujeito e objeto. Através da conceituação de consciência apresentada pela Fenomenologia, é possível entender sobre as possibilidades do evento fenomenológico. Dartigues (1973) remete a esta ideia de consciência:

Se o objeto é sempre um objeto-para-uma-consciência, ele não será jamais objeto em si, mas objeto-percebido, ou objeto-pensado, rememorado, imaginado etc. A análise intencional vai nos obrigar assim a conceber a relação entre a consciência e o objeto sob uma forma que poderá parecer estranha ao senso comum. Se a consciência é sempre consciência de alguma coisa e, “se o objeto é sempre objeto para a consciência”, é inconcebível que possamos sair dessa relação, já que, fora dela, não existiria nem consciência nem objeto. Assim se encontra delimitado o campo da análise da fenomenologia: ela deve elucidar a essência desta correlação na qual não somente aparece tal ou qual objeto, mas se estende ao mundo inteiro (p. 26).

Por sua vez, o Humanismo surgiu como a terceira força da Psicologia, enfatizando a ideia da autorrealização por meio do desenvolvimento das potencialidades humanas de crescimento e criatividade, em que o homem se autodetermina, interage ativamente com seu ambiente, é livre e pode fazer escolhas, sendo responsável por elas no meio interrelacional no qual vive. É uma abordagem que apresenta como ideia central o homem, compreendendo-o como ser único, que não pode ser explicado integralmente por uma teoria. O intuito da psicologia humanista é facilitar o crescimento do homem a partir do desenvolvimento de suas qualificações. Ao experimentar os seus limites e possibilidades, o indivíduo pode se conscientizar de si mesmo, de maneira a estar autocentrado e utilizar o seu potencial da melhor forma possível. (CARDOSO, 1999).

O Existencialismo, terceiro pilar da fundamentação antropológica da Gestalt-terapia, pode ser entendido como uma doutrina filosófica que valoriza a subjetividade, a singularidade, a responsabilidade e a vivência, apresentando como foco principal a existência humana em sua concepção individual e particular, tendo por objetivo

compreender o homem como ser concreto nas suas circunstâncias e no seu viver (CARDOSO, 2013; FRAZÃO, 2013; REHFELD, 2013). Assim, o Existencialismo surge como um movimento que passa a refletir sobre a maneira do ser humano está no mundo. Então, esse conjunto de doutrinas filosóficas têm como tema central a existência humana, onde o homem é concebido como um ser livre, capaz de se autogerir e de construir a sua vida. Existimos em uma intrínseca correlação com o mundo, como o que somos e como o que podemos vir a ser, ou seja, somos seres livres para escolher nossa essência a cada instante, atualizando o projeto de vida e de ser no mundo, tendo a liberdade para escolher e sendo responsáveis em cada escolha feita em nossa existência (CARDOSO, 1999). Similar a esse princípio de existência, Ribeiro (2012) sustenta que:

A 'existência' que aqui está implicada é o homem, que se torna centro de atenção, encarado como ser concreto nas suas circunstâncias, no seu viver, nas suas aspirações totais. Centrado nos problemas do homem, o existencialismo penetra nos seus pensamentos concretos, nas suas angústias e preocupações, nas suas emoções interiores, nas suas ânsias e satisfações. (p.114).

Além dos três fundamentos filosóficos descritos, a fundamentação teórica da Gestalt-terapia, se baseia também em outros três pilares, principalmente: a Psicologia da Gestalt, a Teoria de Campo de Kurt Lewin e a Teoria Organísmica de Kurt Goldstein. A primeira surge no início do século 20, sendo seus principais pesquisadores Wertheimer, Köhler e Koffka. Os autores afirmam que percebemos totalidades diferentes da soma das partes, então uma Gestalt ou configuração não se reduz à simples soma de partes, nem mesmo à justaposição delas, porque se qualquer parte da configuração for alterada, haverá uma configuração diferente.

Podemos pensar a história de vida da pessoa, suas experiências, seus conflitos, suas dificuldades, suas potencialidades etc. como parte do fundo, embora não estejamos em contato com isso o tempo todo. Também é preciso considerar que o sentido da figura emerge da relação figura/fundo. Não é a figura nem o fundo em si mesmos que determinam o significado, e sim a relação figura/fundo: é a relação figura/fundo que dá sentido à figura. (FRAZÃO, 2013, p. 63).

Dessa forma, na Psicologia da Gestalt há essa percepção de uma organização através do princípio de figura/fundo, no qual percebemos totalidades e, dependendo das circunstâncias, algo se destaca, ficando em primeiro plano (figura), enquanto o fundo seria o restante o qual permanece em segundo plano. A descrição desses conceitos demonstra não serem fixos nem estáticos, pois se modificam, são

reversíveis e podem se alternar conforme as circunstâncias, tratando-se de um processo contínuo (FRAZÃO, 2013).

A Teoria de Campo se apresenta como uma forma de compreender a realidade, entendendo o campo como uma teia sistemática de relacionamentos onipresentes (aqui-e-agora), ou seja, se muda a relação de uma parte com a outra, muda o todo. Portanto, o espaço vital pode ser definido como um todo dinâmico constituinte de uma rede de relações entre as partes (CARDOSO, 1999). Sustentando essa ideia de dinamicidade proposta pela autora, os seguintes autores concebem que:

Em toda e qualquer investigação biológica, psicológica ou sociológica temos de partir da interação entre o organismo e seu ambiente. Não tem sentido falar de um animal que respira sem considerar o ar como parte da definição deste, ou falar de comer sem mencionar a comida, ou de enxergar sem luz, ou de locomoção sem gravidade. A definição de um organismo é a definição de um campo organismo/meio. (PERLS, HEFFERLINE & GOODMAN, 1997, p. 42).

A teoria em questão possui a compreensão de que o indivíduo está sempre em relação com seu meio, sendo assim estamos sempre nos referindo a esse campo interacional e não simplesmente a um organismo isolado, em que as forças do ambiente mostram onde e quando a relação está acontecendo. Dessa maneira, a noção de tempo se identifica como uma unidade situacional com foco no presente, se articulando com os dados anteriores a ele, apontando para possibilidades futuras (RODRIGUES, 2016).

A noção de temporalidade é trazida, portanto, pelo campo, incluindo as muitas possibilidades do evento fenomenológico, como forma de fundamentar sobre como o sentido das ações de uma pessoa é algo onde a relação dela com seu meio se reúnem. A partir da forma como a pessoa é tocada ali na relação, há infinitas possibilidades para uma resposta. Então, o campo não é só a relação, mas tudo aquilo ali construído. Coerente com esta perspectiva, Santoyo (2017) sustenta o campo como um todo tem uma tendência a buscar o equilíbrio mais simples possível. Entretanto, é importante ressaltar que, como as condições estão em constantes mudanças, o equilíbrio obtido é sempre novo, se apresentando como um crescimento. Para compreender o conceito de crescimento em Gestalt-terapia, faz-se necessário conhecer como esta abordagem conceitua contato.

O conceito de contato na referida abordagem diz respeito às trocas entre o indivíduo e o meio onde está inserido, sempre em uma perspectiva de totalidade, tendo em vista a indivisibilidade entre o organismo e o ambiente. Nesse sentido, o

contato promove mudanças, de forma a desenvolver o crescimento do indivíduo, precisando de uma abertura para além do eu. Um mesmo estímulo pode levar os indivíduos a reagirem de forma diferente, e a influência dessas forças sobre a pessoa depende de suas próprias necessidades, atitudes e expectativas dela mesma. Assim, a pessoa pode experimentar aquilo presente no meio, assimilando o que é nutritivo e eliminando o tóxico. Esse processo de contatar é o que promove crescimento (SILVEIRA, 2016).

Para o indivíduo ter a oportunidade de crescer e de se desenvolver, é imprescindível a ocorrência de trocas dele com o seu meio, pois a partir delas surgirão novas possibilidades de contato (D'ACRI, 2014). Antes de ser contato com o outro, trata-se também de estar em contato consigo mesmo, com o corpo, o coração, a mente, a natureza e de diversas maneiras, uma vez que desse contato surgem todas as outras formas de fazer contato com o mundo (RIBEIRO, 2016). Sendo assim, o processo de contatar promove o crescimento porque implica presença, consciência, envolve se apropriar cada vez mais da experiência vivencial.

O terceiro pilar da fundamentação teórica da Gestalt-terapia é a Teoria Organísmica, criada por Kurt Goldstein. Esta percebe o organismo como uma totalidade interativa, na qual a ocorrência de algo em qualquer parte o afeta em sua totalidade. O que rege o seu funcionamento é a lei da autorregulação organísmica, por meio de uma tendência do organismo a se autoatualizar (FRAZÃO, 2013). Portanto, a totalidade é a premissa básica para a compreensão do funcionamento humano e, diante das condições do meio, o organismo elege maneiras criativas e próprias de reagir, objetivando chegar à regulação.

De acordo com Perls (1981), apud Cardoso (1999), essa teoria entende o ser humano como regulado e constantemente em busca de homeostase, onde qualquer desequilíbrio é gerador de tensão. Esta é caracterizada pelo processo no qual o organismo mantém o equilíbrio, e essa busca de restaurar o estado dela é denominado processo de auto-regulação organísmica; é através dele que o ser humano satisfaz suas necessidades, decorrentes da instabilidade causada pela tensão. Trata-se de um processo em constante atuação no nosso organismo, tendo em vista que estamos o tempo todo rodeados de estímulos provocadores de rupturas em nossa homeostase.

Para compreendermos a importância das interações entre o organismo e o seu meio ocorridas na fronteira de contato, tal como o processo de contatar e suas interrupções, é necessário conceituar fluidez. Neste sentido, é importante ressaltarmos que a Teoria Organísmica de Goldstein teve muita influência na abordagem. Esse conceito diz respeito à constante transformação e modificação de todo ser vivo, e quando falamos dessa nomeação, tem-se a ideia de que o ser humano é um sistema vivo que se modifica e se atualiza constantemente. Para entendermos melhor sobre esta constante modificação, Lima (2005) propõe considerações sobre a fluidez, ao afirmar que:

Fica evidente que quando Fritz Perls se referia ao papel da fluidez, da mudança permanente na vida do ser humano, ele não estava falando de algo interior, uma essência, que se modificava, mas sim de um mecanismo natural de funcionamento baseado nas necessidades de permanentes modificações nas ações do sujeito diante do seu intercâmbio com o meio circundante. Não é o sujeito que se modifica, mas sim o sistema total que envolve a pessoa e o meio ambiente (p. 56).

Dessa maneira, para que o indivíduo possa ter uma abertura para acompanhar as novidades que a vida vai oferecendo, novas oportunidades, pessoas para conhecer, novas possibilidades de viver algo que ainda não conhece e não experimentou, é necessário que haja uma fluidez, porque ela remete a essa abertura ao novo. Sendo assim, uma pessoa que não a tem presente em sua vida, se fecha ao novo, evitando, afastando e se fechando, deixando de experimentar novidades que podem ser muito ricas para o seu desenvolvimento e crescimento pessoal, e principalmente para a utilização de suas potencialidades.

2 SOFRIMENTO E PSICOPATOLOGIA À LUZ DA GESTALT-TERAPIA

A compreensão do sofrimento e da psicopatologia sob a ótica da Gestalt-terapia implica no reconhecimento da qualidade e da fluidez das interações entre o organismo e o seu meio ocorridas na fronteira de contato, assim como o processo de contatar e suas interrupções, como imprescindíveis para o funcionamento saudável ou não do indivíduo. A saúde de uma pessoa vai muito além da mera ausência de sintomas ou de doenças, por requerer a capacidade de estar em relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Portanto, a saúde pode ser entendida gestalticamente como a capacidade do indivíduo em se ajustar de forma criativa ao meio e de se posicionar singularmente em seu cotidiano de vida, de modo flexível e processual. Já o adoecimento acontece quando a pessoa se vê em ameaça pelo contato inter-humano ou quando não possui suporte suficiente para lidar com aquilo que é novo advindo da situação em que vive (CARDOSO, 2017; 2019).

De acordo com Perls, Hefferline e Goodman (1997), o adoecimento humano seria esse movimento de fechamento do indivíduo em sua interação com o mundo, interno ou externo. Ter consciência disso possibilita a construção de uma vida saudável dentro de suas possibilidades humanas. Para Perls (1977), “saúde é um equilíbrio apropriado da coordenação de tudo aquilo que somos” (p. 20). Isso significa que o que importa é a capacidade de integração do indivíduo com o meio, possibilitando a ocorrência de contatos espontâneos e criativos. Coerente com esta concepção de saúde, Cardoso (2019) afirma:

Desse modo, ela estaria relacionada à capacidade da pessoa de responder criativa e autenticamente às suas demandas e àquelas do seu mundo próprio, reconhecendo e legitimando suas experiências, o que inclui suas possibilidades e limitações no momento presente. Assim, a saúde é muito mais ampla que a mera ausência de sintomas ou de doenças, pois requer a capacidade de estar em relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, de ser empático e de investir afetivamente nos laços inter-humanos. (p. 49).

Assim, podemos dizer que a experiência saudável se refere a um processo de contato com o novo presente no ambiente enquanto possibilidade, de forma a ser assimilada pelo organismo a partir de desconstrução em partes menores, proporcionando um crescimento. Quando assimilada, a novidade se transforma em experiência, passando a fazer parte do organismo e servindo de apoio em situações futuras (CARDOSO, 2019).

A relação entre figura e fundo na saúde é um processo permanente e significativo sobre o que emerge e o que se vela, constantemente. Assim, a interação entre figura e fundo apresenta-se tendo características de formação saudável tais como atenção, concentração, interesse, preocupação, excitação e graça; enquanto confusão, tédio, compulsões, fixações, ansiedade, amnésias, estagnação e acanhamento são indicadores de uma formação figura/fundo perturbada. Por outro lado, a elasticidade da formação figura/fundo na neurose, e muito mais na psicose, fica perturbada. Isso ocorre devido ao fato de encontrarmos frequentemente ou uma rigidez (fixação), ou uma falta de formação da figura (repressão), e ambas interferem no processo normal e adequado de completar uma Gestalt (PERLS, HEFFERLINE & GOODMAN, 1997).

Para compreendermos melhor sobre o adoecer humano e o ser saudável na perspectiva gestáltica, a Teoria Organísmica, já citada no capítulo anterior, oferece importante contribuição, tendo em vista que todo organismo almeja a sua autorregulação ou homeostase, em um processo que é natural de cada um. O organismo procura satisfazer as suas necessidades vitais através da interação humana e da busca de equilíbrio entre aquilo que deseja e do que o ambiente pode proporcionar. Quando o ciclo vital está seguindo de maneira fluida, o indivíduo está em um funcionamento psíquico saudável, e se a fluidez é interrompida, podemos compreender o ser como estando em um processo disfuncional e adoecedor (LIMA, 2014). Esse processo adoecedor pode implicar em uma psicopatologia. Para Francesetti (2021):

[...] podemos considerar a psicopatologia como o estudo das experiências nas quais não nos sentimos inteiramente agentes e livres, em que não podemos exercitar plenamente uma escolha e que dizem respeito a nos sentimos vivos, animados e em contato com o ambiente. Em uma experiência psicopatológica, somos, portanto, um pouco menos livres, menos vivos, menos existentes, menos “respirantes”, menos presentes para o que seria permitido pelos limites e potencialidades da situação atual. (p.39)

Diante da necessidade de se construir uma visão mais ampla do ser humano, houve uma aproximação de uma parte da psicologia em relação à filosofia existencial e fenomenológica, presentes nas décadas 20 e 30 do século passado. Posteriormente, foi possível a ocorrência de uma mudança de paradigma pela psicologia sobre a psicopatologia (de médica para fenomenológica) e, em 1951, a efetivação de uma nova proposta pela Gestalt-terapia: a psicopatologia relacional,

baseada nos estudos filosóficos de Martin Buber sobre relação dialógica (REIS & CARDOSO, 2019).

Desse modo, percebemos a importância de compreender a classificação médica, sabendo que não é sobre rotular o indivíduo, mas trazer aspectos teóricos da psicopatologia clássica a fim de entender a mudança de paradigma através da Gestalt-terapia. Essa mudança passou do paradigma tradicional, em que se focava exclusivamente no diagnóstico, para um paradigma humanizado, voltado para a escuta e bem-estar físico, mental e social da pessoa (REIS & CARDOSO, 2021). Para Rehfeld (2013), em Gestalt-terapia, o método fenomenológico permite resgatar o ser que está em sofrimento através da descrição de si mesmo, abrindo a possibilidade de recuperar a sua singularidade e originalidade para lidar com as situações em sua vida. Complementar a esta ideia, Cardoso (2019) afirma que o sofrimento por si só não é o mesmo que adoecimento ou sintoma, não significando necessariamente a existência de um quadro psicopatológico, mas sim se refere “a uma forma peculiar de ser afetado pelas situações difíceis, inerentes ao existir humano, que rompe o equilíbrio organísmico da pessoa de uma forma crítica” (p. 81).

Francesetti (2015) ressalta que quando a subjetividade da pessoa não se constituiu completamente de modo a diferenciá-la do outro, ela pode desenvolver um campo psicopatológico que a leva a experiências de adoecimento humano. Quando isso ocorre, a pessoa permanece em confluência total com o ambiente e não é, psicologicamente, capaz de separar-se do outro, sentindo-se, portanto, invadido. A psicopatologia fenomenológica, então, tem o intuito de enxergar os modos de existir e as vivências próprias do ser que adoeceu. Sustentando essa ideia, Costa & Costa (2017) reiteram:

Assim, diante de circunstâncias difíceis para as vivências do ser, a pessoa pode passar a desenvolver resistências no modo de interação humana. Esse bloqueio não implica na configuração de uma psicopatologia, porém quando esses comportamentos se tornam cristalizados, rígidos e anacrônicos, podem configurar formas psicopatológicas de contato e desenvolver um ajustamento criativo psicótico. Essa terminologia se refere à psicose da concepção clássica, porém por ser o ajustamento criativo uma função relacional, ele não se utiliza pré-definições, como no paradigma tradicional. Assim, o que se considera na psicopatologia relacional é que no caso de um ajustamento criativo psicótico a “disposição criativa se encontra, em algum grau, potencialmente desorganizada” (p. 25).

Perls, Hefferline e Goodman (1997) apontam o *self* como sendo o sistema de contatos em funcionamento na fronteira, nos quais as partes do indivíduo (mente,

corpo, pensamento, emoção, respiração) se manifestam de maneira integral durante o contato. O objetivo é formar figuras e fundos e fazer ajustamentos criativos, incluindo suas três funções que trabalham juntas durante a interação: Id, Ego e Personalidade. A função Id é caracterizada como a capacidade sensório-motora, psicológica e corporal do *self* de estabelecer contato com o mundo; a função Personalidade seriam as atitudes adotadas durante a interação; e a função Ego é a capacidade do *self* em contato de identificar quem é ele e quem não é, e o poder de escolha individual.

O ajustamento criativo do tipo psicótico é conceituado como um adoecimento que acomete a pessoa devido a uma desordem no funcionamento do *self*, mais especificamente, na função Id. A pessoa que desenvolve este tipo de psicopatologia não vivenciou experiências de contatos humanos saudáveis o suficiente para que esta função fosse constituída de forma plena em seu psiquismo (PERLS, HEFFERLINE & GOODMAN, 1997). Esse ajustamento pode ser caracterizado por meio de manifestações de um fechamento em si mesmo, ações e condutas absurdas, acompanhadas de um desligamento em relação ao ambiente, podendo significar que aquela pessoa está desconectada da realidade e desenvolvendo um mundo próprio subjetivo (REIS & CARDOSO, 2019). Coerente com esta perspectiva, Francesetti (2021) afirma:

Mas quando a experiência ainda não alcançou a diferenciação entre sujeito e objeto, não existe linguagem para expressar o que é vivido. A angústia sinistra e perturbadora, na qual tudo pode acontecer, torna-se também insuperável. Aqui o delírio vem em socorro: um ajustamento criativo que permite dar um sentido à angústia e narrá-la. E, pela mesma razão, surge a alucinação: que permite jogar um objeto para fora, reduzindo a angústia daquilo que não pode ser diferenciado. Dois ajustamentos criativos que reduzem a angústia, mas sem alcançar um mundo comum e compartilhado, que é o traço característico da experiência psicótica: estar fora da evidência natural do mundo comum. (p. 84).

Em outro trabalho, Francesetti (2015) propõe a perspectiva de campo fenomenológico equitativamente importante para a compreensão das experiências psicóticas. Para o autor, o campo é compreendido em uma dimensão fenomenológica em que as situações vivenciadas no aqui e agora são relacionadas com o surgimento de figuras e fundos. Ou seja, os fenômenos que emergem em determinado tempo e espaço dizem respeito ao fato de que uma experiência surgirá em vez de outra. O campo fenomenológico e o psicopatológico seriam entidades que existem entre e ao redor da pessoa e do ambiente, porém sem reduzi-la a qualquer um deles.

Associada a essa ideia, o autor sustenta que uma relação nunca está restrita

apenas ao indivíduo e ao outro, mas inclui uma terceira parte que é o fundo, dando sustento e sentido à relação presente. Para caracterizar a psicopatologia fenomenológico-gestáltica, Francesetti (2021) concebe a existência como um fenômeno cocriado e a unidade mínima da pessoa ser-com-o-outro, sustentando que “esta psicopatologia não pode ter como foco o indivíduo, mas o como o indivíduo emerge de uma situação, como se sente e se encontra e como entra em contato com os outros” (p. 40). Portanto, na experiência psicopatológica a pessoa se mostra menos presente do que normalmente as limitações e potencialidades da situação em que o indivíduo se encontra o possibilitaria.

Sobre as formas e os processos do sofrimento humano, o autor concebe que o estudo da psicopatologia serve para reconhecer, distinguir e compreendê-las. Em uma dada situação, quando não há apoio suficiente para enfrentá-la, é necessário alguém que ofereça esse apoio. Se, ainda assim, esse alguém não possa dar esse sustento, não é possível que a pessoa possa atravessar a experiência, nem mesmo assimilá-la, permanecendo uma memória aberta e não concluída. A psicopatologia seria, então, a consequência dessas experiências não atravessadas, de modo a buscar uma maneira menos incômoda de carregá-las. Congruente com essa ideia, Francesetti (2021) propõe o sofrimento psicótico como:

[...] incapacidade de se cocriar em um modo definido, mas o impulso para emergir em um modo definido pode ser poderosamente ativo, embora esteja impossibilitado de alcançar a definição. Estamos imersos na tentativa contínua, e continuamente derrotada, de criar um mundo com fronteiras claras e conectadas, em um cadinho de calor branco, onde todas as possibilidades são criadas e dissolvidas. Na experiência psicótica, o paciente não consegue emergir do indiferenciado, do qual emerge cada percepção. (p. 83).

Dessa forma, há uma ausência de suporte básico suficiente para a pessoa se apoiar e se discriminar do ambiente, tendo em vista que não tem a presença de um fundo comum e compartilhado das fronteiras, do tempo e do espaço. Nessa experiência, ocorre a ausência de não estar constituído como indivíduo, porque existe a impossibilidade de diferenciar o eu do não-eu, provocando também a impossibilidade de um sentimento de segurança básica. A indiferenciação que a situação causa acaba impedindo a assimilação de novidade e vivência em um mundo compartilhado com o outro, deixando a pessoa imersa no isolamento e na solidão (CARDOSO, 2019). Sendo assim, podemos resumir que o elemento principal do drama psicótico se refere à impossibilidade de dizer da experiência, e que a raiz da

psicopatologia remete a qualquer situação na qual o surgimento de uma vivência na relação não seja permitido e não seja apoiado até que a vivência seja assimilada.

3 FILME CISNE NEGRO: UMA COMPREENSÃO GESTÁLTICA

O filme “Cisne Negro” foi dirigido por *Darren Aronofsky*, em 2010, nos Estados Unidos, e tem como personagem principal a bailarina Nina (representada pela atriz *Natalie Portman*), que faz parte de uma companhia de *ballet* de Nova Iorque. A bailarina vive com Erica, sua mãe superprotetora e, portanto, está inserida em um mundo protegido desde criança. Na área profissional de sua vida, Nina almeja a perfeição. Quando ganha o papel de Rainha dos Cisnes, o diretor Thomas, responsável por selecionar bailarinos para a peça do Lago dos Cisnes, diz que ela interpreta o Cisne Branco com perfeição, entretanto, precisa melhorar, se sentir mais à vontade e livre para conseguir interpretar o papel de Cisne Negro. O filme é mostrado a partir do ponto de vista da protagonista, acompanhando as visões e alucinações da personagem.

Para entendermos ponderações a seguir, torna-se necessário discorrermos sobre os conceitos de autossuporte e heterossuporte na ótica da Gestalt-terapia. Conforme afirma Andrade (2014), o suporte é imprescindível para qualquer contato, remete ao conjunto de recursos disponíveis que um indivíduo desenvolve ao longo de sua existência, e a falta dele desencadeia sentimentos e comportamentos disfuncionais, como ansiedade, rigidez e dependência do outro. Existem dois tipos de suporte que se intercomunicam: o autossuporte e o heterossuporte. O primeiro refere-se ao potencial de cada pessoa, de sua independência e seu amadurecimento, ou seja, quanto mais saudável o indivíduo se encontra, mais autossuporte ela tem à sua disposição, possibilitando que ele se ajuste ao meio de maneira mais criativa. Aqui, sem a pessoa se conhecer, conhecer sua experiência, assumir seu comportamento, suas necessidades e suas capacidades/incapacidades, não há a possibilidade de ter um suporte adequado, pois, de acordo com Andrade (2014), “o autossuporte deve incluir tanto o autoconhecimento quanto a autoaceitação” (p. 156). O heterossuporte concebe uma forma de dependência depositada em outro indivíduo ou algo, ou seja, propõe buscar em apoios externos o auxílio e reconhecimento de possibilidades. Uma pessoa que se apresenta dependente desse tipo de suporte fecha-se em um si mesmo vazio, possuindo dificuldades para manifestar consciência corporal (PERLS, 1988; ANDRADE, 2014). Ainda sobre a intercomunicação desses dois tipos de suporte apresentados, Andrade (2014) afirma que uma pessoa precisa distinguir o que é seu do que é do outro, sustentando que:

Se a pessoa estiver centrada em si mesma e integrada, ela naturalmente será um todo unificado, ou seja, seus sentimentos, pensamentos e ações formarão uma unidade em contato com o outro. Ela não mais se ajustará de maneira automática ou aparente, mas se tornará cônica do que acontece com ela e entre ela e o ambiente, apropriando-se de sua vida. (p. 155).

Para as reflexões feitas a seguir, percorrer sobre o conceito de *awareness* em Gestalt-terapia também se mostra necessário, considerando a importância de levar o indivíduo a ampliar sua consciência de si no mundo, a fim de capacitá-la a fazer escolhas mais responsáveis, autênticas e organizar sua vida de modo significativo para si. Refere-se a um contato pleno, um fluxo contínuo da experiência presentificada em que há formação livre e contínua das gestalten. A Gestalt-terapia tem como objetivo levar a pessoa a desenvolver a habilidade de estar *aware*, ou seja, caracterizada pelo contato, sensação, excitação, e formação de Gestalt, fazendo com que o indivíduo se volte para os fatores presentes no processo, detectando as interrupções que possam ocorrer nesse processo (PERLS *et. al*, 1951). Complementar a esta conceituação, Yontef (1988) caracteriza *awareness* como uma forma de experienciar. O autor define:

É o processo de estar em contato vigilante com o evento mais importante do campo indivíduo/ambiente, com total apoio sensorio motor, emocional, cognitivo e energético. Um continuum e sem interrupção de *awareness* leva a uma percepção imediata da unidade óbvia de elementos díspares no campo. A *awareness* é sempre acompanhada de formação de Gestalt. Totalidades significativas novas são criadas por contato de *aware* (p. 215).

A partir do entendimento dos conceitos percorridos nos parágrafos acima, algumas reflexões são interessantes de serem levantadas em relação à protagonista, por exemplo: “Como deve ser para Nina viver com todas as tensões, o grau de exigência, solidão e pobreza de relações que ela tem no campo de sua vida?”. O autossuporte da personagem é muito frágil, e o heterossuporte dela é principalmente a mãe, o que resulta em uma ausência de *awareness*, ou seja, um impedimento de contato pleno, em que Nina precisa o tempo inteiro ser perfeita para se sentir alguém na vida. Portanto, o grau de sofrimento que ela experimenta é muito forte, pelo fato de apresentar uma autoimagem cristalizada, unilateral, um autoconhecimento limitado, mostrando a falta de fluidez em sua vida.

Na primeira cena do filme, Nina aparece sonhando que está dançando "O Lago dos Cisnes", no papel de Cisne Branco. O Cisne Negro aparece e ambos começam a dançar em forma de batalha, depois permanecendo em cena apenas o Cisne Branco. Ao acordar, a protagonista vai até Erica, sua mãe, e conta sobre o sonho que teve.

Esta é uma ex-bailarina e se mostra uma pessoa solitária, que dedica a sua vida para cuidar da filha de maneira integral, fazendo com que esta treinasse o *ballet* excessivamente. Percebe-se uma forte confluência na relação mãe e filha, em que a progenitora trata Nina como se fosse uma criança, além de constantemente invadir a fronteira de contato dela. A confluência diz respeito à ausência da experiência de fronteira, se apresentando como um estado de fusão, então, não tem uma discriminação nem separação entre organismo e o meio. Dessa forma, o indivíduo que está em confluência patológica emaranha as suas necessidades, emoções e atividades gerando uma completa confusão até que não se dá conta mais de discriminar o que quer fazer e de como está se impedindo de fazê-lo (YONTEF, 1998). Sobre esse conceito, Yontef (1998) complementa:

Confluência é a ausência de distinção entre *self* e outro, é submeter-se à indiferenciação. Obediência/subordinação patológica das preferências de uma pessoa para as de outra são uma forma de confluência. Confluência é a perda da identidade independente de alguém. (p. 239).

Ainda, o autor ressalta que “a pessoa confluenta não experiencia a autossustentação suficiente que a capacita para um relacionamento autônomo” (p. 240). Sendo assim, esse campo marcado entre mãe e filha não permite que Nina tenha a liberdade de ser quem ela é, resultando em uma vida inautêntica e não espontânea, porque a mãe não confirma essa filha em sua autenticidade. Ao longo do filme, é visto que Erica não permite que Nina viva a vida de modo completo, pois está o tempo inteiro restringindo as atitudes da filha, como na cena em que diz que Nina é culpada pelo fracasso dela, por ter abandonado a carreira para se dedicar aos cuidados com ela. Outras cenas também mostram o quanto a mãe não a reconhece como pessoa, chamando-a de “menina doce e meiga”, e dizendo que ela deveria ficar só com a mãe, tendo em vista que as pessoas desconhecidas eram perigosas.

A introjeção é outro conceito gestáltico enquanto um mecanismo de evitação do contato muito presente na vida da personagem Nina. Para Perls (1981, p. 48), “na introjeção colocamos a barreira entre nós e o resto do mundo tão dentro de nós mesmos que pouco sobra de nós”. Isso quer dizer que o outro existe, a pessoa em questão não. Na trama, Nina introjeta sempre as falas da mãe, tomando-as como suas, e exclui outras possibilidades de ser. A mãe quer que Nina seja seu espelho como uma forma de se redimir de suas frustrações por não ter sido uma bailarina de destaque. Dessa forma, ela projeta em Nina a atualização de tornar presente a

impossibilidade frustrada do passado, ao mesmo passo que Nina introjeta os ideais de perfeição trazidos pela mãe e, em certa medida, aceita viver sua vida conforme planejada por esta. A introjeção pode ser ilustrada no filme pela interiorização do discurso de Erica sem a devida capacidade de reflexão e de rejeição daquilo que não lhe convém.

Como dito anteriormente, na visão de Thomas, Nina conseguia incorporar muito bem a Odette (Cisne Branco), que no filme é colocada em palavras como sendo “pura, virginal e metódica”, mas o diretor, de início, não via potencial para que Nina conseguisse representar a Odile (Cisne Negro), caracterizada por ser “livre, sensual e feiticeira”. Quando Nina o procura demonstrando interesse em ser a protagonista da peça, ele sugere que ela se solte e se entregue mais, terminando a conversa dando um beijo inesperado na jovem, ação esta que remete a uma de muitas vezes que Thomas provoca e ultrapassa as fronteiras que Nina coloca.

No filme, a protagonista é apresentada com uma vida muito restrita, cujo campo se constitui, basicamente, pela relação com a mãe e o *ballet*, aparentando não viver nada além daquilo. Isso faz com que ela experimente a solidão e se apresente como uma pessoa solitária. Uma cena que pode ilustrar isso é aquela na qual a personagem chega no *ballet* e todas as pessoas estão sentadas em grupos conversando, enquanto ela está sozinha apenas observando os colegas e ajeitando o próprio cabelo.

Em Gestalt-terapia, o *ballet* se apresenta como um campo de muita pressão e competição, ambiente este com um nível de exigência acentuado no qual todos querem o papel principal, mas somente uma bailarina pode ocupar esse lugar. Assim, Nina apresenta um grau de sofrimento muito grande, pois ela sempre vê as pessoas como podendo muito mais do que ela e como ameaças que podem tirar aquilo que é dela. Soma-se a isso a ausência de uma relação que a confirme em sua autenticidade e que lhe ofereça suporte genuíno, o que, além da sua exigência da perfeição, a leva a nunca se sentir suficiente.

Nessa solidão de Nina, a personagem Lily, uma das bailarinas, se aproxima dela de modo a confirmá-la e a elogiá-la, resultando em uma abertura da fronteira de contato. Ao longo da trama, é visto um lado da personagem principal ainda não explorado, principalmente quanto à sua sexualidade e segurança em seus relacionamentos interpessoais. Após visualizar a Lily vivendo esse lado, Nina acaba experienciando e se perdendo nas experiências de sua vida, ocasionando episódios

de automutilação, por exemplo. Ela começa a ver coisas que não existem (alucinações visuais e cinestésicas), configurando-se o início de experiências psicóticas, nas quais ela confunde pessoas, cria cenas e acredita que está vivendo aquilo, mas que não correspondem à realidade objetiva e compartilhada.

Podemos compreender os episódios psicóticos de Nina dentro da perspectiva da Gestalt-terapia a partir do momento em que fica difícil para ela discriminar seu interior do exterior. Ou seja, sua experiência pode ser caracterizada como psicótica por não haver uma discriminação da fronteira de contato, portanto o que é experienciado “dentro da pele” está carregado de ansiedade e é percebido como indiferenciado/confuso em relação ao “fora da pele”. De acordo com Cardoso (2019), isso ocorre por causa de distúrbios na função *Id* do *self*, fazendo com que o fluxo de figuras-fundo se torne inconsistente, comprometendo assim o exame da realidade. A autora complementa essa concepção ao propor sobre a ausência de suporte, afirmando que:

Há uma ausência de suporte básico suficiente para a pessoa se apoiar e se discriminar do ambiente, pois não há um fundo comum e compartilhado do tempo, do espaço e das fronteiras, o que promove uma ansiedade indescritível. Nesta experiência, há uma primeira e angustiante ausência: a de não estar constituído como sujeito, pois existe a impossibilidade da diferenciação entre eu e não-eu e, com isso, também a impossibilidade de um sentimento de segurança básica. Essa situação de indiferenciação impede a experiência de viver em um mundo compartilhado com o outro, de assimilar a novidade, deixando a pessoa imersa no isolamento e na solidão, pois não há nem um *self*, nem um ambiente distinto. (CARDOSO, 2019, p. 101).

Dessa forma, como não há um ambiente distinto, ressalta-se que o elemento central dos episódios psicóticos é a impossibilidade de dizer da experiência, em que não existe linguagem para expressar o que é vivido, levando em consideração que a experiência ainda não alcançou a diferenciação entre sujeito e objeto. Nesse sentido, os delírios e alucinações surgem como ajustamentos criativos que reduzem a angústia, mas não alcançam um mundo comum e compartilhado. Estes apresentam a viabilidade de proporcionar, mesmo em uma perspectiva bem fragmentada, um senso de realidade e a possibilidade de narrativa da experiência do indivíduo, amenizando o desespero de uma completa desorientação existencial dele (CARDOSO, 2019; FRANCESETTI, 2021).

É interessante buscarmos entender os comportamentos de automutilação da protagonista, no sentido que emerge da concepção de ser humano da Gestalt-terapia,

o qual é concebido de modo holístico, como um ser biopsicossocial, dotado de diferentes dimensões (FRAZÃO, 2015). Assim, essa compreensão propõe que o organismo é unificado e está inserido em um campo, ou seja, em um determinado contexto no qual ocorre o desenrolar da sua história de vida (COELHO *et al*, 2022).

De acordo com Coelho *et al* (2022), a partir da abordagem gestáltica, a automutilação pode ser compreendida como sendo um ajustamento criativo que o organismo, no intuito de manter o seu equilíbrio, escolhe diante das situações de sofrimento que a pessoa vivencia em seu cotidiano. Na busca de uma homeostase, o indivíduo acaba utilizando a retroflexão, na qual acontece uma liberação de energia contra o próprio organismo, como forma de manipular o campo na busca de um reajustamento (PERLS, 1988). Além disso, os autores propõem sobre a automutilação que:

Na lente da gestalt-terapia, consideramos que a automutilação se configura como um ajustamento criativo disfuncional, pois o organismo fixa sua energia em atos que visam à autodestruição dirigida ao seu corpo. Os sujeitos que se automutilam lançam mão da retroflexão, direcionando contra si mesmo o que poderia ser dirigido ao outro ou ao mundo. (p. 72).

Esse entendimento sobre as automutilações também nos possibilita compreender a experiência da personagem principal, porque pessoas que têm a introjeção como bloqueio de contato podem não conseguir liberar sua agressividade ao meio, abrindo a possibilidade de se autoagredirem, como faz a personagem. Para complementar, Perls (1981) apresenta a ideia de que o organismo ingere elementos do meio que não lhe proporcionarão crescimento, tendo em vista que não consegue discriminar que esses elementos não são saudáveis para o seu desenvolvimento.

Frazão (2015) define os ajustamentos criativos como sendo funcionais e disfuncionais. Para ela, o ajustamento criativo funcional possibilita ao organismo seu crescimento e desenvolvimento por meio das interações com os outros indivíduos e com o ambiente em que está inserido. O ajustamento criativo disfuncional se refere aos contatos que não proporcionam o crescimento do organismo, mas acabam por cristalizar e fixar o seu comportamento em atitudes que o impedem de visualizar outras saídas para as vivências de mal-estar. Observando sobre a ótica da Gestalt-terapia, a automutilação se configura como um ajustamento criativo disfuncional, devido ao fato de o organismo fixar a sua energia em atos que visam à autodestruição dirigida ao seu corpo (COELHO *et al*, 2022).

O filme nos mostra cenas em que Nina experienciam uma transformação do corpo, manifestando vivências de uma alucinação sensorial muito intensa, porque para ela, a perfeição e a dignidade só poderiam acontecer se ela se transformasse literalmente no Cisne Negro, como na experiência em que suas pernas se dobram como se fossem as de um cisne, ou também quando começam a nascer penas em suas costas, representando as asas de uma ave. Dessa maneira, ao apresentar momentos que mostram Nina se coçando e se machucando, uma vez que a protagonista está sentindo essa transformação na qual ela não pode apenas incorporar o personagem de Cisne Negro, mas sim ser o Cisne de fato, caracteriza-se uma experiência psicótica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto parte da Gestalt-terapia para propor reflexões acerca de do filme “Cisne Negro”, tecendo considerações de como a teoria conceitua o sofrimento e a psicopatologia, e como podemos utilizar alguns de seus principais conceitos para compreender as experiências da protagonista do filme, Nina. A Gestalt-terapia valoriza o ser humano em todos os aspectos de sua vida, incluindo os emocionais, culturais, sociais, considerando as potencialidades e autorrealização de cada indivíduo. Nessa abordagem psicológica destacam-se a Fenomenologia, o Existencialismo, o Humanismo, a Psicologia da Gestalt, a Teoria Organísmica e a Teoria de Campo, dentre outras. Cada pessoa é compreendida como um ser livre capaz de desenvolver-se nas relações que estabelece, sendo compreendida como ser de mudanças e transformação, capaz de se autogerir, buscando uma existência cada vez mais autêntica.

Basicamente, ao longo do texto foi ressaltado, do ponto de vista gestáltico, como um indivíduo apresenta um ajustamento criativo do tipo psicótico. A intenção foi visualizar o quanto essa perspectiva se diferencia das outras, ao conceber que o ser humano é visto de maneira não reduzida em seus sintomas/doença, ou seja, não parte da doença para acessar a dimensão saudável, mas é compreendido em sua totalidade, de uma maneira humanizada, priorizando seu bem-estar físico, mental e social. Aqui, há o interesse em buscar os sentidos e significados que vão sendo construídos ao longo das experiências da pessoa, o foco está na *awareness*, ou seja, na capacidade que o indivíduo tem de estar em contato consigo mesmo, com a sua existência, apresentando a possibilidade de realizar escolhas mais significativas ao longo dessas experiências.

O objetivo deste trabalho foi promover a reflexão e a leitura crítica da mensagem de um filme, apontando as características expostas e envolvendo alguns dos eixos pertencentes ao tema abordado. Para futuros projetos, é possível que mais temas propostos no filme sejam explorados, como por exemplo a questão da sexualidade para Nina. Neste trabalho, optou-se pelo aprofundamento do sofrimento da protagonista e de sua automutilação como forma de lidar com os seus sentimentos e forma de expressão diante um mundo restrito e cheio de pressão. Assim, buscou-se, com a presente proposta, uma maior compreensão acerca do tema, bem como aprimorar o arcabouço teórico, utilizando o filme como uma ferramenta que trata de

questões importantes que envolvem a nossa sociedade, podendo tocar cada pessoa de uma maneira diferente, tendo em vista que filmes possibilitam a socialização, a aprendizagem e o desenvolvimento de diversos conhecimentos e habilidades.

A escrita desta proposta permitiu o esclarecimento e aprofundamento dos estudos na Gestalt-terapia, no que se refere ao sofrimento psíquico grave denominado psicose. As reflexões teóricas sobre o filme confirmaram a presença e o acolhimento como condições essenciais, em consonância com as ideias defendidas pelos autores citados ao longo do trabalho, tais como Francesetti (2021), Cardoso (2019), Frazão (2015), entre outros. Ambos permitem considerar a experiência da pessoa em uma perspectiva processual e humanizada, na medida em que dão suporte para a expressão de suas angústias e reconhecem suas potencialidades e singularidade existencial. Enriquecendo essa ideia, Frazão (2017, p. 25) afirma que “a presença e o olhar do outro são essenciais para que nos fundemos. Nosso existir demanda o testemunho do outro”. A concepção gestáltica do sofrimento do tipo psicótico, compreendido enquanto um ajustamento criativo no qual o exame da realidade está comprometido pela dificuldade da pessoa em se diferenciar do mundo, concebe os delírios e as alucinações como forma de lidar com a angústia e de dar um sentido e possibilitar a expressão da experiência, o que pode ser ilustrado por diversas cenas da protagonista Nina em suas diversas interações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, C. C. Autossuporte e heterossuporte. In FRAZÃO, L.M., & FUKUMITSU, K.O. (org). **Gestalt-terapia conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus editorial, 2014, v. 2, pp. 147-162.
- CARDOSO, C. L. Aspectos filosóficos, teóricos e metodológicos da Gestalt-terapia. **Revista Psique**, 9 (14), p. 47-65, 1999.
- CARDOSO, C. L. A face existencial da Gestalt-terapia In: FRAZÃO, L. M., FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.
- CARDOSO, C. L. A saúde na ótica da gestalt-terapia. In: CONGRESSO MINEIRO DE GESTALT-TERAPIA, 1, 2017, Universidade Federal de Minas Gerais. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2017. p. 40-42.
- CARDOSO, C. L. Sobre as dores de existir: Uma introdução à psicopatologia em Gestalt-terapia. In: CARDOSO, C. L & GIOVANETTI, J. P. (orgs.). **Sofrimento Humano e Cuidado Terapêutico**. Belo Horizonte: Artesã, 2019. Pp. 75-110.
- COELHO, A. L., *et al.* Vivências de Automutilação sob a Lente da Gestalt-Terapia. **Revista Psicologia E Saúde**, 14(2), 69–82, 2022. Disponível em: <<https://pssa.ucdb.br/pssa/article/view/1749/1375>>. Acesso em 13 out. 2022.
- COSTA, L. C. de C. I. da & COSTA, I. I. O ajustamento do tipo psicótico. In: FRAZÃO, L. M. & FUKUMITSU, K. O. **Quadros clínicos disfuncionais e Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017.
- D'ACRI, G. Contato: funções, fases e ciclo de contato. In: FRAZÃO, L. M. & FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: Conceitos Fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014.
- DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 1973.
- FRANCESETTI, G. *From individual symptoms to psychopathological fields. Towards a field perspective on clinical human suffering*, **British Gestalt Journal, England**, v. 24, n. 1, 2015.
- FRANCESETTI, G. **Fundamentos da psicopatologia fenomenológico-gestáltica: uma introdução leve**. Belo Horizonte: Artesã, 2021.
- FRAZÃO, L. M. Compreensão clínica em Gestalt-terapia: pensamento diagnóstico processual e ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais. In: FRAZÃO, L. M. & FUKUMITSU, K. O. **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015.
- FRAZÃO, L. M. Psicologia da Gestalt. In: FRAZÃO, L. M. & FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.
- FRAZÃO, L. M. Ser ou não ser na contemporaneidade: eis a questão. In: FRAZÃO, L. M. (Org.). **Questões do humano na contemporaneidade: olhares gestálticos**. São Paulo: Summus, 2017.

LIMA, P. V. A. Autorregulação organísmica e homeostase. In: FRAZÃO, L. M. & FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014.

LIMA, P. V. A. **Psicoterapia e mudança: uma reflexão**. 2005. Tese (Doutorado) - Instituto de Comunicação, Universidade federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro.

PENAFRIA, M. Análise de Filmes: conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. **Anais eletrônicos...** Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 28 de out. de 2022.

PEREIRA, A. B. & EVANGELISTA, P. E. R. A. Propriedade e Improriedade Existencial no filme Clube da Luta. In: GIOVANETTI, J. P.; CARDOSO, C. L.; EVANGELISTA, P. E. R. A (Orgs.). **Com-textos em Gestalt-Terapia - Estudos produzidos no Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial**. Belo Horizonte: MAM Editora, 1ª ed., v. 3, 2021. Pp. 51-68.

PERLS, F. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

PERLS F., HEFFERLINE, R. & GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PERLS, F., HEFFERLINE, R. & GOODMAN, P. **Gestalt Therapy: Excitement and Growth in Human Personality**. New York: Julian Press, 1951.

POMPEIA, J. A. & SAPIENZA, B. T. **Na presença do Sentido: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. (2ª ed.). São Paulo: EDUC, 2017.

REHFELD, A. Fenomenologia e Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M., FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.

REIS, D. B dos. & CARDOSO, C. L. Reflexões acerca da Esquizofrenia do ponto de vista da Gestalt-terapia. In: GIOVANETTI, J. P., CARDOSO, C. L. & EVANGELISTA, P. E. R. A (Orgs.). **Com-textos em Gestalt-Terapia - Estudos produzidos no Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial**. Belo Horizonte: MAM Editora, 1ª ed., v. 2, 2019. Pp. 82-104.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. (8. ed.) São Paulo: Summus, 2012.

RIBEIRO, J. P. **O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica**. (5.ed.) São Paulo: Summus, 2007.

RIBEIRO, J. P. **Vade-mécum de Gestalt-terapia: Conceitos básicos**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2016. 184 p.

RODRIGUES, H. E. Relações entre teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M. & FUKUMITSU, K. O. **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2016.

SANTOYO, C.F. *La crisis como fenómeno de campo*. **Revista Gestaltnet**, 2017. Disponível em: < <https://gestaltnet.net/sites/default/files/articulos/crisis-fenomeno-campo.pdf>>. Acesso em 22 ago. 2022.

SILVEIRA, T. M. Contato. In: D'ACRI, G., LIMA, P. & ORGLER, S. (org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"**. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Summus, 2016. 245 p.

YONTEF, G. M. **Processo, Diálogo e Awareness: ensaios em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1998.